

A BÍBLIA GREGA TRADUZIDA POR FREDERICO  
LOURENÇO: TRADUÇÃO E PARATEXTOS

THE GREEK BIBLE TRANSLATED BY FREDERICO  
LOURENÇO: TRANSLATION AND PARATEXTS

Anderson de Oliveira Lima

Pós-doutorando do programa de Es-  
tudos Comparados de Literaturas de  
Língua Portuguesa.

**Resumo:** Neste artigo trataremos da *Bíblia* que está sendo traduzida para a língua portuguesa por Frederico Lourenço a partir dos textos gregos, estudando especialmente os volumes que já foram publicados no Brasil pela Companhia das Letras. A análise lida com a materialidade do livro, com peculiaridades dessa tradução e com suas questões paratextuais, oferecendo uma discussão atual sobre temas que podem ser interessantes para as pesquisas bíblicas, para os críticos literários em geral e para aqueles que querem estudar o cenário editorial brasileiro.

**Palavras-chave:** Bíblia, crítica literária, tradução, Novo Testamento, Frederico Lourenço.

**Abstract:** In this article we are going to deal with the Bible that is being translated for the Portuguese language by Frederico Lourenço from the Greek texts, studying specially the volumes that have already been published in Brazil by Companhia das Letras. Our analysis deals with the materiality of the book as well as the peculiarities of this specific translation and its paratextual issues, offering a current discussion about some topics which would be interesting in biblical researches, for the literary critics in general and for those that want do study the Brazilian publishing scene.

**Keywords:** Bible, literary criticism, translation, New Testament, Frederico Lourenço.

## 1. Introdução

Não é de hoje que a poesia homérica e a *Bíblia* são apontadas por críticos como as obras basilares da literatura ocidental. Esse juízo foi popularizado por Erich Auerbach, para quem estes textos eram “tipos básicos”, modelos que direta ou indiretamente influenciaram as narrativas produzidas no Ocidente ao longo dos últimos milênios (AUERBACH, 2011, p. 20). Se concordarmos com o filólogo alemão, não será exagero apontarmos o literato português Frederico Lourenço como um dos principais mediadores entre esses clássicos e os leitores de língua portuguesa da atualidade. Ocorre que ele tomou para si a responsabilidade de traduzir para o português ambas as volumosas obras e, ao longo desse trabalho, seguiu Auerbach na exaltação dos poemas homéricos e da literatura bíblica, tratando não apenas do valor intrínseco a tais livros como também fazendo menções ao papel decisivo que eles exerceram no desenvolvimento de nossa cultura.

Nos prefácios que escreveu para suas traduções de Homero ele expôs essa opinião de maneira bastante explícita: “A Odisseia de Homero é, depois da *Bíblia*, o livro que mais influência exerceu ao longo dos tempos no imaginário ocidental” (HOMERO, 2011, p. 95-96). Quanto à *Bíblia*, especificamente, seus comentários elogiosos são numerosos:

[...] a Bíblia pode ser lida como o mais fascinante livro alguma vez escrito; um texto que, no seu melhor, é de riqueza inesgotável, de ímpar magnificência expressiva, e onde encontramos do mais arrebatador e do mais comovente que a mente humana alguma vez terá conseguido imaginar. (LOURENÇO, 2017, p. 11)

Se me perguntarem qual é o texto mais encantador alguma vez escrito em língua grega, a minha resposta só pode ser esta: é o início do evangelho de Lucas, concretamente os seus capítulos 1 e 2 [...] Sem o relato de Lucas, a arte ocidental teria tido uma história infinitamente mais pobre. (LOURENÇO, 2017, p. 35)

A respeito do *Evangelho de Marcos*, conhecido por ter sido “escrito num grego de estilo simples”, Lourenço diz ser um “dos livros mais arrebatadores que já foram escritos” (BÍBLIA, V. I, 2017, p. 159). Até mesmo quanto ao misterioso *Apocalipse de João* ele afirma que “Trata-se sem dúvida alguma, de um dos mais fascinantes textos alguma vez escritos” (BÍBLIA, V. II, 2018, p. 550-551).

Mas não é em razão dessa crítica apaixonada que Frederico Lourenço mereceu lugar de destaque nos estudos clássicos em Portugal. Nascido em Lisboa, em 1963, Lourenço se doutorou em línguas e literaturas clássicas e atua como professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É tradutor premiado e coleciona trabalhos como ficcionista, poeta e ensaísta, e sua obra mais recente é nada menos que uma *Nova Gramática do Latim* (LOURENÇO, 2019). Dessa vasta produção, o que aqui nos interessa é seu projeto

de tradução da *Bíblia* que, aos poucos, chega às mãos dos leitores brasileiros.

Lourenço deu início em 2016, pela editora Quetzal, de Lisboa, à publicação de sua própria tradução da *Bíblia* para a língua portuguesa a partir dos textos gregos. Foram anunciados seis volumes, mas a obra logo foi considerada “o acontecimento editorial do ano” (MILHAZES, 2017) e recebeu reconhecimento imediato. O primeiro volume, contendo os quatro evangelhos do *Novo Testamento* já lhe rendeu a homenagem do *Prêmio Pessoa*, condecoração concedida anualmente a uma personalidade portuguesa por seu destaque na carreira acadêmica, artística ou literária. O sucesso também foi impulsionado por uma campanha de marketing que provocou, na mídia portuguesa, considerável entusiasmo e alguma surpresa quanto à tal *Bíblia* “que não esconde as realidades inconvenientes”.<sup>1</sup> As matérias jornalísticas colocavam algumas das dúvidas dos leitores quanto à fé e interesses desse homem de letras que, não sendo religioso, se propôs a produzir uma nova versão desse livro cuja história esteve tão vinculada às instituições religiosas.<sup>2</sup>

---

1 Veja o texto de António Guerrero publicado em 30/09/2016 no jornal *Público*: <<https://www.publico.pt/2016/09/30/cultura-raipsilon/noticia/uma-biblia-que-nao-esconde-as-realidades-inconvenientes-1745324>>. Acesso em 12 jun. 2019.

2 Texto de Cristina Margato para o jornal *Expresso*, publicado em 08 dez. 2016: <<https://expresso.pt/cultura/2016-12-09-Prêmio-Pessoa-ao-Expresso-A-palavra-escrita-e-demasiado-limitada-para-nos-dar-a-dimensao-de-Deus#gs.3f33x4>>. Acesso em 10 jun. 2019.

Estreitando nossos horizontes, é de se notar que a presença da *Bíblia* de Lourenço no mercado editorial brasileiro (seguindo o caminho trilhado por suas traduções de Homero) se deu por intermédio da editora Companhia das Letras, cujo catálogo sempre esteve recheado de autores premiados — especialmente de ficção —, mas que costuma conceder espaço modesto aos livros religiosos (KORACAKIS, 2006, p. 59, 63, 134). Ainda que o mercado livreiro brasileiro não tenha vivido seus melhores dias nos últimos anos,<sup>3</sup> é fato que os livros religiosos, na contramão das tendências do mercado, vendem cada vez mais;<sup>4</sup> e sabe-se que, nesta categoria, a *Bíblia* sempre tem um papel de destaque, especialmente por ações da *Sociedade Bíblica do Brasil* que edita diferentes versões dos textos bíblicos e domina 70% desse nicho.<sup>5</sup> Diante desses dados,

---

3 Pesquisas recentes indicam um encolhimento de 25% do mercado editorial brasileiro entre 2006 e 2018: <<https://oglobo.globo.com/cultura/mercado-editorial-brasileiro-encolheu-25-entre-2006-2018-23699428>>, <<https://exame.abril.com.br/brasil/faturamento-editorial-incluindo-livros-didaticos-diminuiu-25-em-12-anos/>>. Acesso em 03 jun. 2019.

4 Os dados são do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) com base em pesquisa realizada em 2017 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE): <<https://snel.org.br/apresentado-o-resultado-da-pesquisa-producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro-ano-base-2017/>>. Acesso em 18 abr. 2019.

5 Leitores interessados podem ler mais sobre o sucesso editorial da Bíblia no Brasil, por exemplo, nas matérias da revista *Isto É* e do jornal *O Globo* que apontam a Sociedade Bíblica do Brasil como o maior produtor de Bíblia do mundo. Confira em <[https://istoe.com.br/143552\\_BRASIL+A+TERRA+DAS+BLIAS+/](https://istoe.com.br/143552_BRASIL+A+TERRA+DAS+BLIAS+/)>, <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/com-novas-versoes-cada-mes-mercado-de-biblias-continua-no-topo-18098150>>. Acesso em 18 abr. 2019.

não deve ser absurda a suposição de que a Companhia das Letras tenha visto na respeitável iniciativa de Lourenço a oportunidade de inserir uma *Bíblia* em seu catálogo e participar desse segmento lucrativo de maneira mais direta e sem negar suas preferências.

E pela movimentação dos meios de comunicação especializados em torno da publicação dos dois primeiros volumes da *Bíblia* de Lourenço no Brasil, parece que a editora atingiu seus objetivos. Falou-se da obra de maneira mais enfática em meados de 2017, quando o autor participou da *15ª Flip* (Feira Literária Internacional de Paraty - RJ) em 27 de julho, tendo aproveitado para falar também em vários locais entre Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>6</sup>

Sob vários pontos de vista, portanto, a *Bíblia* de Lourenço tem se mostrado um objeto digno de consideração para os estudos literários atuais e sua relevância — seja para quem se interessa por literatura religiosa, para aqueles que a querem ler como um clássico singular em nova versão ou para quem se importam com o desenrolar do mercado editorial brasileiro — justifica a pesquisa que estamos realizando por meio do pós-doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua-Portuguesa no Departamen-

---

6 Confira as entrevistas concedidas pelo tradutor às revistas *Isto* e *Época* neste período: <<https://istoe.com.br/frederico-lourenco-nunca-havera-uma-traducao-definitiva/>>, <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/frederico-lourenco-pessoas-do-seculo-xxi-deveriam-refletir-sobre-biblia.html>> Acesso em 06 maio 2019. Veja ainda a entrevista que Lourenço à *Globonews*, exibida em 28 de julho de 2017: <<https://youtu.be/r45u0w29wog>>. Acesso em 18 abr. 2019.



to de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

Quanto às referências teóricas dessa análise, convém levar em conta que na história dos estudos bíblicos modernos predominou a busca pelo passado dos textos, por suas origens e suas versões *mais originais*. A mais rica herança dessa fase dos estudos bíblicos são as edições críticas dos textos em grego e em hebraico das quais hoje partem os tradutores; elas são o resultado de séculos de trabalho de uma criteriosa Crítica Textual que catalogou, decifrou e comparou milhares de manuscritos, sempre com o objetivo de colocar o leitor em contato com o texto mais próximo dos autógrafos perdidos. Mas os interesses atuais tendem a outros campos e importa que digamos, de antemão, em quais deles nos inserimos:

David F. McKenzie dizia, já na década de 1980, que para os estudos literários atuais cada cópia, cada versão produzida de um texto pode ser objeto de pesquisa por seu próprio valor como patrimônio cultural e não mais por sua relação longínqua com manuscritos perdidos (MCKENZIE, 2018, p. 55-56). Seguindo esse caminho, a *Bíblia* de Lourenço será encarada aqui como um livro novo, como uma produção a mais numa longa história de leituras e usos dessa literatura tão antiga e admirada. Nós a abordaremos desde sua materialidade, desde sua existência concreta como produto editorial. Posto que “um texto sempre se dá a ler ou escutar em um de seus estados concre-

tos” (CHARTIER, 2010, p. 41), convém sempre ter em mente que um texto:

[...] raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do termo, mas também em seu sentido mais amplo: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. (GENETTE, 2018, p. 9)

Portanto, não é somente por conta da nova tradução e pelas novas possibilidades de leitura que abre que a *Bíblia* traduzida por Lourenço atrai nossos olhares, mas também por aquilo que é acrescentado ao redor do texto bíblico. De modo indireto, seguiremos Gérard Genette em seu modo de dividir a análise dos *paratextos*, distinguindo o que pertence ao *peritexto* (conteúdo que se situa no livro, em torno do texto: prefácios, notas, títulos, capas, mapas etc.) daquilo que diz respeito ao *epitexto* (conteúdo externo ao livro: matérias de jornais, outras obras do autor, entrevistas, resenhas, artigos acadêmicos etc.) (GENETTE, p. 2018, p. 14).

Fica posto, então, que em nossas considerações sobre tradução da *Bíblia* por Lourenço (em seus dois primeiros volumes, por hora) e seus paratextos não lidaremos apenas com as intenções de Frederico Lou-

renço, mas com o resultado final de múltiplas decisões de profissionais ligados à produção livreira que não são irrelevantes, já que “O processo de publicação, seja qual for sua modalidade, sempre é coletivo” (CHARTIER, 2010, p. 40).

## 2. Características físicas e peculiaridades editoriais

D. F. McKenzie nos alerta, por meio de um olhar sociológico para a história do livro, para “os papéis das instituições, e de suas complexas estruturas, na construção das formas do discurso social, passado e presente” (MCKENZIE, 2018, p. 28). Segundo ele, os críticos negligenciavam, até pouco tempo, o peso que a materialidade de um livro, as escolhas de seus editores e os caminhos *epitextuais* (os conteúdos produzidos a respeito do texto que circulam nos jornais, nas redes sociais, nos periódicos acadêmicos, na televisão etc. (GENETTE, 2018, p. 303-305) desempenham na recepção dos conteúdos. É seguindo McKenzie que passaremos, primeiro, pela análise da “forma material do livro” antes de chegar às questões relativas à tradução, pois estamos olhando para a *Bíblia grega* como discurso sociologicamente imerso, produção historicamente localizável que dialoga tanto com os textos bíblicos em geral quanto com a história de suas leituras, considerando, obviamente, as demandas do mercado editorial no Brasil e em Portugal, os interes-

ses dos leitores contemporâneos e algumas particularidades biográficas desse tradutor/autor.

Ao considerar a edição brasileira da *Bíblia* traduzida por Lourenço como um produto da editora Companhia das Letras é possível inseri-la num corpus que, além do selo editorial, têm em comum certas características físicas que, de saída, nos dão informações importantes sobre a obra. O leitor brasileiro sabe, por exemplo, que a Companhia das Letras, fundada em 1986, sempre dedicou grande espaço de seu catálogo à literatura e que se destacou no mercado nacional pela qualidade material dos livros que publica, o que a tornou, na opinião pública, a melhor editora do país (GUEDES, 2018, p. 33-34). De acordo com Larissa Guedes, a editora estabeleceu um “padrão de qualidade” ao longo de sua trajetória e seu sucesso teria influenciado outras editoras:

Desde o início de seus trabalhos, a editora fez escolhas que se traduziam em maior garantia de durabilidade, harmonia e excelência de produção: a opção pela costura das páginas, ao invés do uso de cola; a escolha do papel de cor creme em contraste com o largo uso do papel offset no Brasil [...] O padrão de qualidade de produção estabelecido pela Companhia das Letras ao longo de seus 30 anos de funcionamento tem diversos níveis, desde a seleção e edição de originais até o marketing, passando pelo design gráfico dos livros [...] Esse padrão de produção gráfica, que abarca desde a capa até os detalhes internos do livro [...] foi estabelecido ao longo da década de 1990 e foi decisivo para o cenário editorial brasileiro [...]. (GUEDES, 2018, p. 33-34)

Podemos dizer, portanto, que a tradução de Lourenço é, do ponto de vista material, uma obra produzida para atender às exigências dos leitores acostumados a este padrão de qualidade dos livros da Companhia das Letras.

No entanto, os méritos não são todos da Companhia das Letras: a edição brasileira apenas reproduz as boas características que já estavam presentes na edição portuguesa. Francisco José Viegas, editor da Quetzal e da *Bíblia* que Lourenço está traduzindo em Portugal, é também apontado na ficha técnica como o responsável pelo projeto gráfico da edição brasileira; conseqüentemente, passam a ser relevantes para o leitor brasileiro — como *epitexto alógrafo oficioso* (GENETTE, 2018, p. 306) — algumas declarações de Viegas quanto à qualidade material da obra:

Tomando nas mãos qualquer dos volumes já publicados, não é difícil perceber como esta edição terá representado a realização de um sonho tanto para o tradutor como para o editor. Com miolo impresso a duas cores, uma paginação generosa, que dá folga à vista, deixa o texto respirar [...] São objetos que equilibram idealmente o sóbrio e o suntuoso, com capa dura, o tradicional papel bíblia dispensado a favor de um com 100 gramas (de resto, um dos melhores do mercado, o que conferirá a estes livros uma maior durabilidade). Por outro lado, e dadas as elevadas tiragens, que variam entre 10 e 15 mil exemplares, o preço de capa de cada um dos volumes é bastante acessível se compa-

rado com os preços hoje praticados pela maioria dos grandes editores.<sup>7</sup>

Em suma, Viegas tece elogios à *Bíblia* se pautando nalguns elementos que tornam a obra materialmente destacada: a impressão a duas cores, a diagramação generosa, a capa dura, a qualidade do papel usado (o *Munken Print Cream*) que é de alta gramatura e o preço final de comercialização do livro que, segundo ele, é acessível para os padrões europeus. Tomando esses elementos como critérios avaliativos, pode-se dizer que a versão da Companhia das Letras é sutilmente inferior à portuguesa: aqui o miolo não é impresso em duas cores e o papel não é o mesmo; recorreu-se ao tradicional *Pólen Soft*, um papel de boa qualidade que já é parte daquele mencionado *padrão* da editora brasileira. Contudo, por ser menos espesso que o *Munken Print Cream* usado na edição da Quetzal, o *Pólen Soft* faz com que os volumes da *Bíblia* tenham, por aqui, uma espessura consideravelmente menor. A diagramação, por sua vez, é exatamente a mesma; isso leva as duas edições a contarem com precisamente o mesmo número de páginas e ainda nos permite manter, para a versão brasileira, o elogio feito ao generoso espaçamento entre as linhas. Para a publicação brasileira o texto também passou por um discreto processo de adequação ao português brasileiro e, infelizmente,

---

7 Leia a entrevista completa em: <<https://sol.sapo.pt/artigo/639608/a-biblia-de-frederico-lourenco-essa-prodigiosa-blasfemia>>. Último acesso em 18 abr. 2019.

o leitor que tiver a curiosidade de folhear ambas as edições notará, no manuseio da versão brasileira, a ausência do *Plano geral* da coleção na última página, um epitexto que anuncia antecipadamente a extensão e algumas peculiaridade do projeto.<sup>8</sup>

Não se pode negar que a *Bíblia* da Companhia das Letras traz um bonito projeto gráfico. Cada volume é encadernado em capa dura nas quais se lê, na lombada, o título *Bíblia*; todas as demais informações são registradas numa sobrecapa removível que envolve aproximadamente um terço da capa e dá ao livro uma aparência sofisticada. Quanto ao título, que em bom tamanho domina o centro desta sobrecapa removível, nota-se a escolha bem pensada de uma fonte alemã de inspiração gótica — a *Fette Haenel Fraktur*, criada em 1846 — para uso exclusivo da palavra *Bíblia*. A fonte, embora tenha uma origem moderna, remete o leitor ao medievo e à antiguidade dessa clássica antologia literária.

---

8 O *Plano geral* anexado ao fim do primeiro volume da edição portuguesa anuncia, por exemplo, que os dois primeiros volumes dividem o conteúdo do *Novo Testamento*; que o terceiro traz os *Profetas*, o quarto (em dois tomos) os *Escritos*, o quinto (também em dois tomos) apresentará os *Livros Históricos* e o sexto, afinal, a *Torá*. Logo se vê que a sequencialidade dos livros bíblicos não segue os cânones que conhecemos através do *Antigo Testamento* ou da *Bíblia Hebraica*. Além disso, o *Plano geral* também permite que o leitor saiba desde já que a antologia trará, pela *Septuaginta*, alguns livros que não constam nos cânones tradicionais, tais como a *Epístola de Jeremias*, *Suzana* e *Bel e o Dragão* no volume 3, *Salmos de Salomão* e *Odes* no volume 4 e os livros de 3º e 4º *Macabeus* no volume 5.

Ainda sobre o título, diferente do que se costuma praticar, a versão produzida por Lourenço não é vendida como uma *Bíblia Sagrada*; isto é, seu título não traz, como de costume, o adjetivo *sagrada* que é um qualificativo religioso que procura, do ponto de vista da cultura cristã ocidental, distinguir o livro que a religião canonizou colocando-o sobre todos os demais livros que temos na galeria dos clássicos de nossa literatura. Essa ausência nada discreta informa que a nova *Bíblia* é um produto que não parte dos mesmos pressupostos ideológicos/teológicos que regem a publicação da maioria das bíblias, confessa que seus editores não assumem os tradicionais valores religiosos na produção do livro nem o destinam ao uso litúrgico, e isso nos dá algumas indicações valiosas sobre o tipo de leitura que se espera. Com efeito, a *Bíblia* da Companhia das Letras não é desenvolvida para que alguém a leve à igreja (lembre-se que serão seis volumes) para acompanhar as leituras públicas dominicais; tampouco é um livro que tem a pretensão de ser normativo, nem exige uma prática de leitura especial que seja condizente com algo tão elevado quanto uma pretensa *palavra de Deus*.

Após o título *Bíblia* e um subtítulo que especifica quais são os livros que estão contidos no volume, as capas nos fazem ler, em caracteres de bom tamanho, o seguinte anúncio: *Traduzido do grego por Frederico Lourenço*. O nome do tradutor figura como se ele fosse o verdadeiro autor da obra, o que é, sem dúvi-



da, outro elemento incomum no mercado de bíblias. Desde a capa, o que vemos é que o nome do tradutor é exibido sem discrição, revelando-nos que os editores consideram seu prestígio individual um sinal propagável de competência e possível impulsor de vendas. Trata-se, ademais, de um fato editorial que autoriza o leitor a pressupor a participação perceptível de um mediador, com suas preferências e limitações, nas páginas dessa *Bíblia*. De modo muito peculiar, o que se anuncia nessas capas não é só mais uma *Bíblia*, mas a tentativa de se construir algo mais durável, tal como uma obra que na história da *Bíblia* quiçá possa adquirir a importância e a durabilidade de outras traduções bem-sucedidas de homens que trabalharam sozinhos, como sucedeu nos casos de Jerônimo, Tyndale, Lutero, Figueiredo e Almeida.<sup>9</sup>

---

9 Em outubro de 2016 o jornal Público divulgou a análise do padre Mário Sérgio a respeito da nova tradução de Frederico Lourenço. O crítico afirmou que, apesar da coerência permitida pela atuação de único tradutor, o fato de trabalhar sozinho era uma fraqueza do empreendimento. Em suas palavras, essa não era uma tradução “dialogada”. Acesse: <<https://www.publico.pt/2016/10/15/sociedade/opiniao/a-traducao-da-biblia-grega-de-frederico-lourenco-1747363>>. Dias depois, o veículo de imprensa publicou a resposta do editor da Bíblia em Portugal, Francisco José Viegas, às críticas feitas. Nela, o editor ressaltou o fato de o trabalho de Frederico Lourenço ter muitos precedentes célebres. Ele escreveu: “Mário Sousa critica o que seria a “fraqueza” desta versão: ter sido obra de um homem só e não de um comité de sábios enquadrados por uma instituição religiosa. Ora, sempre houve traduções solitárias da Bíblia: São Jerônimo, Wycliffe, Tyndale, Lutero, Ferreira d’Almeida, Pereira de Figueiredo ou, ainda agora, a notável versão de Nicholas King, de Oxford. A “Bíblia do Rei James”, de 1611, tece como base a “tradução solitária” de William Tyndale, acadêmico de Oxford queimado vivo (por ter traduzido a Bíblia) em 1536. Como pode

### 3. O texto bíblico na tradução de Frederico Lourenço

Em geral, o trabalho de um tradutor costuma ser discreto e imagina-se que seu papel seja apenas o de substituir os signos linguísticos do idioma de partida pelos signos próprios de outro idioma. Espera-se sua invisibilidade (como efeito de sentido) a fim de que o leitor do texto traduzido confie que o editor está a oferecer um conteúdo que reflete fielmente o pensamento do autor estrangeiro (VENUTI, 1995, p. 1-2). Mas a verdade é que o trabalho de um tradutor é também um ato criativo que opera a partir de práticas sociais próprias de seu tempo e lugar, influenciado, sempre, por questões históricas e ideológicas (BRANCO; MAIA, 2016, p. 214). Essa é uma discussão muito pertinente quando discutimos traduções bíblicas e, em nosso caso, a tradução de Frederico Lourenço.

Já foi dito que, no futuro, talvez falaremos da *Bíblia* de Frederico Lourenço como falamos da *Bíblia* de João Ferreira de Almeida (MILHAZES, 2017); isto é, como uma versão bem conhecida dos textos bíblicos em língua portuguesa que nos foi legada por um tradutor único cujas peculiaridades tornam essa mesma versão facilmente reconhecível por um leitor experi-

---

o Padre Mário Sousa garantir que a tradução de Frederico Lourenço não foi “dialogada” com helenistas, leitores ou teólogos?”. Confira em: <<https://www.publico.pt/2016/10/15/sociedade/opiniaao/a-traducao-da-biblia-grega-de-frederico-lourenco-1747363>>. Ambas as páginas foram acessadas em 26 ago. 2020.

mentado. É hora de nos perguntar, portanto, sobre o que há de peculiar na tradução de Frederico Lourenço, que características do texto justificam sua leitura e sua própria existência nesse povoado universo das traduções bíblicas.

Há que se considerar, primeiro, que Lourenço é um acadêmico não religioso,<sup>10</sup> um literato que se define como *agnóstico* (LOURENÇO, 2017, p. 73) e procura abordar a literatura bíblica de uma maneira que não seja nem religiosa, nem irreligiosa. O perfil que ele busca construir — o de um acadêmico que, ao menos do ponto de vista religioso, está distanciado do objeto sobre o qual trabalha — delinea o tipo de *Bíblia* que produz. Como filólogo, Lourenço opta por uma tradução bastante literal com a intenção de “dar a conhecer o texto bíblico num formato que, tanto no que toca à tradução como aos comentários, privilegia de forma não doutrinária, não confessional e não apologética a compreensão do texto grego” (BÍBLIA, V. I, 2017, p. 18). Ou seja, assumindo uma postura crítica ele recorre prioritariamente à própria experiência com a língua grega para evitar que sua tradução repercuta

---

10 Em entrevista ao jornal *Expresso*, Lourenço confessou sua fé de modo pessoal e a declarou sua autonomia com relação às religiões institucionalizadas: “Acredito em Deus. Não acredito em nenhuma religião que me queira transmitir Deus. Interesse-me pelas religiões, pela sua literatura, cultura e história. Com muito respeito pelo cristianismo e pelo judaísmo, não sinto sinceramente dentro de mim aquela fé ou aquela maneira como Deus nos é dado a entender”. Leia a entrevista em: <<https://expresso.pt/cultura/2016-12-09-Premio-Pessoa-ao-Expresso-A-palavra-escrita-e-demasiado-limitada-para-nos-dar-a-dimensao-de-Deus#gs.3f33x4>>. Último acesso em 18 abr. 2019.

mecanicamente as opções tomadas pelos muitos tradutores e leitores que o precederam, os quais estiveram, em sua grande maioria, comprometidos com os interesses das religiões.

Os muitos paratextos de Lourenço oferecem aos leitores empenhados uma experiência de leitura ainda mais técnica. Nas notas de caráter linguístico as singularidades da tradução são explicadas tanto a especialistas quanto a leigos; nas notas de caráter histórico, por outro lado, podemos nos iniciar nos estudos bíblicos de uma perspectiva *histórico-crítica*. São nas notas desse segundo tipo que Lourenço recorre com mais frequência às referências bibliográficas da área e dialoga com a história recente dos estudos bíblicos de maneira mais explícita. Assim, ainda que se diga que Frederico Lourenço trabalhou sozinho em sua tradução, isso não significa que ele tenha negligenciado as vozes dos biblistas que o precederam e se esquivado dos diálogos necessários (MILHAZES, 2017).<sup>11</sup>

Um leitor/tradutor de perfil tão incomum na história das traduções bíblicas traz consigo elementos mais que suficientes para que se dê origem a uma *Bíblia* diferente, a um texto que soe aos ouvidos experimentados como algo novo, produzindo reações e

---

11 Mencionamos em nota anterior a crítica do padre Mário Souza ao trabalho solitário de Frederico Lourenço. Caso não a tenha lido, acesse: <<https://www.publico.pt/2016/10/15/sociedade/opiniao/a-traducao-da-biblia-grega-de-frederico-lourenco-1747363>>. Acesso em 26 ago. 2020.

leituras originais através de um texto que, em vários momentos, nos *desfamiliariza*:

A grande contribuição desta versão está em permitir ao leitor uma nova perspectiva dos Evangelhos, para além e, com frequência, em oposição àquela recebida e tomada como natural e única. De fato, seja pela milenar recepção cristã, seja pelas releituras modernas dela derivadas, consolidou-se uma naturalização dos passos evangélicos, não apenas em português, mas em todos os idiomas ocidentais dessa tradição. Frederico Lourenço, com sua formação clássica e agnóstica, restabelece, a seu modo o estranhamento como instrumento heurístico, um choque que leva a desnaturalizar, chocar e fazer pensar. (FUNARI, 2018, p. 121-122)

A fim de oferecer um exemplo mais direto, consideraremos nas próximas páginas um dos textos cuja tradução de Lourenço gerou mais discussões públicas:<sup>12</sup> trata-se de sua versão do “Pai Nosso” (Mateus 6.9-13), um texto que todo cristão conhece nem que seja por meio da transmissão oral e que, por tradição,

---

12 O próprio Frederico Lourenço escreveu ter tido conhecimento de reações negativas dos católicos quanto a sua tradução do *Pai Nosso*. Leia seu ponto de vista sobre a reação dos leitores em: <<https://www.comunidadeculturaearte.com/erros-do-pai-nosso/>>. As peculiaridades da tradução são comentadas em vários outros artigos e entrevistas e, num deles, Lourenço diz que as diferenças entre o texto grego e a versão popularizada se deve a um “esforço de simplificação para que o livro chegasse mais facilmente às pessoas”: <<https://www.publico.pt/2016/07/27/culturaipsilon/noticia/a-biblia-toda-e-para-todos-1739583>>. Há também uma entrevista concedida em Portugal cujo título, citando Lourenço, é “Estranham o pai-nosso não ser igual ao da missa”: <<https://www.dn.pt/artes/interior/>>

não costuma corresponder àquilo que o texto grego estabelecido pela Crítica Textual defende:

Pai nosso nos céus,  
seja santificado o Teu nome.  
Venha o Teu reino,  
faça-se a Tua vontade;  
assim como no céu, também [assim] na terra.  
Dá-nos já hoje o nosso pão de amanhã.  
E perdoa-nos as nossas dívidas,  
tal como nós perdoamos aos nossos devedores;  
e não nos leves para sermos postos à prova,  
mas livra-nos do iníquo.

Falando seus discípulos, Jesus dá sugestões de forma e conteúdo para que eles façam suas orações. Assumindo o lugar dos interlocutores, os cristãos procuraram seguir o ensino de Jesus ritualmente e acabaram, por exigências do processo hermenêutico, se distanciando dos antigos manuscritos para tornar a oração aplicável a novos tempos e lugares. O texto de Lourenço, porém, expressa de maneira bastante literal aquilo que encontramos no *Novo Testamento grego*, tornando o texto bíblico eventualmente diferente daquilo que os leitores cristãos de hoje esperam encontrar.

---

[estranham-o-pai-nosso-nao-ser-igual-ao-da-missa-5395059.html](https://www.conjur.com.br/2018-jan-04/milenio-frederico-lourencoescritor-tradutor)>. Enfim, numa entrevista concedida para o público brasileiro ele responde brevemente a uma pergunta sobre a tradução dos imperativos no *Pai Nosso*: <<https://www.conjur.com.br/2018-jan-04/milenio-frederico-lourencoescritor-tradutor>>. Todos os endereços foram acessados em 19/06/2019.

Depois do vocativo “Pai nosso no céu”, a oração se constrói a partir de seis imperativos que se dividem em duas sequências de três;<sup>13</sup> as surpresas da tradução se concentram nos três imperativos finais. No primeiro deles, Lourenço age de modo inabitual ao nos fazer ler o pedido “Dá-nos já hoje o nosso pão de amanhã”. Consciente do estranhamento que provocaria ao divulgar uma versão modificada de um texto que os ocidentais — mesmo os não religiosos — têm na memória, ele explica suas opções em nota:

O ponto nevrálgico está no adjetivo que traduzo por “de amanhã”: *epiúsios*. Trata-se de um adjetivo que é raríssimo em grego e, por esse motivo, é difícil determinar ao certo o seu sentido. A sua derivação mais evidente é do verbo *épiemi*, que, usado com referência ao tempo, exprime a ideia de um tempo “seguinte”: por isso, o particípio desse verbo é utilizado, justamente, para designar “o dia seguinte” (não só em autores clássicos, nomeadamente Platão, como em Atos dos Apóstolos 16,11) [...] Esse pão *episousios* como pão “de amanhã” (literalmente crástino) é pedido já (imperativo de ação imediata: *dós*) para hoje. Em Lucas (11,4) encontramos o mesmo “pão de amanhã”, que, no entanto, é pedido cada dia, mediante um imperativo de ação continuada (*dídou*). (BÍBLIA, V. I, 2017, p. 79)

Na sequência, o tradutor segue fiel ao texto grego em “Perdoa-nos as nossas dívidas”. Aqui também

---

13 Desenvolvemos uma análise dessa mesma passagem bíblica em nossa primeira tese doutoral, na qual o leitor pode conferir, se desejar, uma argumentação mais apurada relativa aos comentários que aqui faremos (LIMA, 2014, p. 207-224).

a tradição cristã elegeu, transmitiu e popularizou uma versão em que se pede o perdão de *ofensas* ou *pecados*, buscando uma harmonização com o texto do *Evangelho de Lucas* (Lc 11.4) e proporcionando para os cristãos uma oração mais generalista. Mas o literalismo na tradução do substantivo grego *ofeilema* (dívida) torna o texto coerente com o contexto literário mateano que, no capítulo 6, desenvolve uma temática econômica que também se aplica à segunda metade do *Pai Nosso*. Na mesma linha Lourenço abre uma exceção em seu rigor literal ao traduzir “tal como nós *perdoamos* aos nossos devedores”. Aqui ele mantém o verbo “perdoamos” no presente, conforme o uso popular, mas ele estava ciente de que o verbo deveria estar conjugado no pretérito perfeito para que transmitisse com maior fidelidade o tempo aoristo em que se conjuga o verbo no texto grego.<sup>14</sup> Foi um erro. Posteriormente, Lourenço mudou de opinião e fez a correção necessária na segunda edição de sua tradução dos evangelhos (lançada apenas em Portugal, em 2018) incluindo uma nota a esse respeito nos anexos e acrescentando um acento agudo em “perdoámos”, sinal que identifica, no português europeu, a conjugação do verbo no pretérito perfeito (BÍBLIA, V. I, 2018, p. 79, 418).

A última parte traz particularidades semelhantes: o tradutor faz bem quando nos dá a ler “não nos leves

---

14 Veja: <<https://www.comunidadeculturaearte.com/erros-do-pai-nosso/>>. Acesso em 19 jun. 2019.



para sermos postos à prova”, usando de um literalismo que facilita a percepção da relação intertextual entre este pedido de proteção divina e as *provações* para as quais Jesus *foi levado* pelo espírito no começo do capítulo 4 do evangelho (Mt 4.1). Outra vez, Lourenço incluiu notas a fim de sanar possíveis dúvidas sobre sua tradução do substantivo *peirasmós* (prova) e do adjetivo *ponerós* (iniquo) (BÍBLIA, V. I, 2017, p. 79-80), mas parece tê-las julgado insuficientes quando, na segunda edição, incluiu uma extensa nota explicativa aprofundando sua argumentação quanto à tradução de *Mateus* 6.13 (BÍBLIA, V. I, 2018, p. 418-419). O que Frederico Lourenço não notou nessa é que a intertextualidade interna entre esses dois conhecidos textos do *Evangelho de Mateus* (Mt 4.1-11 e 6.9-13) também justificaria a substantivação do adjetivo *ponerós* em “livra-nos do iníquo” (coisa que não se nota quando lemos “livra-nos do mal”), pois, como supomos, o que se deseja no texto é que Deus poupe os seguidores da experiência que o próprio Jesus passou ao ser provado pelo Diabo numa espécie de arrebatamento extático apocalíptico que opera, em seu ministério, como prova iniciática (SCHIAVO, 2003).

Ao cabo, na leitura desse *Pai Nosso* alguns cristãos sentirão falta dessas palavras: “Pois teu é o reino e o poder e a glória para sempre, amém”. Essa *doxologia* também encontra sua força na tradição oral, mas teve origem na leitura de manuscritos tardios, só encontrando testemunho em cópias produzidas a partir

do século V (PAROSCHI, 1993, p. 174-179). A Crítica Textual concluiu que tais palavras não faziam parte do evangelho em suas origens, pelo que cabe a cada editor/tradutor decidir se dará ao leitor uma versão do evangelho que é historicamente mais fidedigna ou uma que responde melhor à leitura cristã que cano- nizou, por meio dos usos litúrgicos, esse acréscimo conclusivo. Frederico Lourenço opta pela versão que atende aos interesses dos que desejam acessar o tex- to mais antigo, mas não oferece ao leitor, nesse ponto, qualquer justificativa para a omissão feita. A opção de entregar ao seu leitor uma tradução que segue mais a edição crítica do *Novum Testamentum Graece* de Nestlé/Aland<sup>15</sup> e seu aparato crítico do que a tradição religiosa marcará todo o *Novo Testamento* que Lou- renço nos entrega.

#### 4. Considerações finais

Em suma, o que nestas páginas ficou demonstra- do é que a *Bíblia* traduzida por Frederico Lourenço é apresentada no mercado brasileiro como um livro de evidente riqueza material que quer ser visto como

---

15 Atualmente, o texto grego de Nestlé/Aland é aceito como a edição crítica do texto grego do NT a ser adotada. A princípio, Lourenço partiu de uma edição de 1979 desse texto grego para realizar sua tradução do NT para a língua portuguesa, negli- genciando o fato de já contarmos com edições mais recentes da mesma obra (LIMA, 2018, p. 326-327). O problema parece ter sido corrigido na segunda edição que, finalmente, cita apenas a 28ª edição do texto grego de Nestlé/Aland, publicada em 2012 (BÍBLIA, V. I, 2018, p. 441).

uma obra laica, um livro clássico que não se destina ao uso religioso. O livro atua por meio de seus paratextos como uma introdução aos estudos acadêmicos da *Bíblia* com ênfase em questões históricas e linguísticas, o que faz dele um instrumento desejável aos que procuram ler a *Bíblia* sob a luz dessas ciências. A tradução, por sua vez, procura seguir de maneira bastante literal o que se lê nos textos gregos, o que proporciona a qualquer leitor uma experiência singular, inabitual, que abre novas possibilidades de produção de sentido para leitores de diferentes perfis.

A análise da versão bíblica de Lourenço aqui apresentada, sabidamente parcial e introdutória, se insere numa produção mais ampla que estamos desenvolvendo através de um projeto de pós-doutoramento na Universidade de São Paulo. Aos leitores interessados, recomenda-se que procurem pelos artigos que temos publicado desde 2018 sobre a mesma temática, produção que, acompanhando a publicação dos volumes da mencionada *Bíblia* no Brasil, seguirá analisando as peculiaridades da obra de maneira gradual.

## Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BÍBLIA, N. T. *Os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA, N. T. *Os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço – 2ª edição revista e aumentada. Lisboa: Quetzal, 2018.

BÍBLIA, N. T. *Apóstolos, epístolas, Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BÍBLIA, A. T. *Os livros proféticos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRANCO, Sinara de Oliveira; MAIA, Iá Niani Belo. O entrelugar da tradução literária: as exigências do mercado editorial e suas implicações na formação de identidades culturais. *Ilha do Desterro*, v. 69, n. 1, p. 213-221, Florianópolis, 2016.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo A. Bíblia. Novo Testamento, Os Quatro Evangelhos. Traduzido do grego por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 424, ISBN9788535928815. *Phaos – Revista de Estudos Clássicos*, v. 18, n. 1, p. 119-122, 2018.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GUEDES, Larissa Andrioli. *Biblio&Gráficos: o livro do artista de larga escala no contexto editorial brasileiro*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora (Dissertação de mestrado em Artes, Cultura e Linguagens), 2018.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KORACAKIS, Teodoro. *A companhia e as letras: um estudo sobre o papel do editor na literatura*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Anderson de Oliveira. A Bíblia de Lourenço: uma Bíblia laica. Campinas: *Reflexão*, v. 43, n. 2, p. 311-327, 2018.

LIMA, Anderson de Oliveira. *Reações literárias à cultura de reciprocidade do antigo Mundo Mediterrâneo: uma leitura da linguagem econômica do Evangelho de Mateus*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

LIMA, Anderson de Oliveira Lima. Resenha de O livro aberto: leituras da Bíblia. São Bernardo do Campo, *Caminhando*, v. 23, p. 193-196, 2018b.

LOURENÇO, Frederico. *Nova gramática do latim*. Lisboa: Quetzal, 2019.

LOURENÇO, Frederico. *O livro aberto: leituras da Bíblia*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e sociologia dos textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MILHAZES, Ana Catarina. Bíblia – vol. I, Novo Testamento, os quatro evangelhos. *Revista Pontes de Vista*, nº 2; Cultureprint, 2017. Disponível em: <<https://pontesdevista.wordpress.com/2017/01/18/recensao-a-frederico-lourenco-2016-biblia-vol-i-novo-testamento-os-quatro-evangelhos-lisboa-quetzal/#more-936>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SCHIAVO, Luigi. *A batalha escatológica na Fonte dos Ditos de Jesus: a derrota de Satanás na narrativa da tentação* (Q 4,1-13). Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London and New York: Routledge, 1995.